

DESCRIMINAÇÃO
DAS DROGAS EM DEBATE

CI

**COPEL
INFORMAÇÕES**

ANO XXVI - Nº 194 - MAIO/95

**CURIÓ,
O REI
DA VOZ**

TREINAMENTO EM ALTO ESTILO

AMIGO COPELIANO,

SUMÁRIO

TREINAMENTO

Começa novo programa 3 e 4
Seminário de gerentes . 4 a 7

TECNOLOGIA

Computador controla comunicações 8

DROGAS

Governo debate discriminação 9 e 10
Dependentes contam experiências 10 e 11

BIBLIOTECA

A volta do Trailer da Informação 12 e 13

NOTAS 14 a 16
Novos formandos do Executivo 2001 16

DIRETO DA CAPA

O treinador de curios 17

DESIGNAÇÕES 18

TODO MUNDO LIGADINHO

Paquera começa mais cedo 19

IMAGEM 20

Capa: foto cedida por Humberto Sandri Neto

Esta é uma boa ocasião para falarmos do momento da empresa, dos nossos desafios e dos pontos sobre os quais quero chamar atenção. Como todos sabem, o setor elétrico no mundo inteiro está mudando muito rapidamente e, antes de mais nada, precisamos entender o que se passa. Os jornais estão cheios de notícias sobre reforma da Constituição, quebra de monopólios, flexibilização, nova Lei de Concessões etc.

A palavra-chave é a desregulamentação do setor, o que, à primeira vista, significa acabar com os regulamentos.

Na verdade, não é bem isto, e sim acabar com situações de monopólio, de privilégios para poucos e de estruturas caras e ineficientes, que custam muito ao Brasil. A livre concorrência, na medida em que gera competição, gera a necessidade de sermos cada vez mais criativos, eficientes e rentáveis, o que será bom para o País e para os consumidores em geral.

Isto significa que poderemos ter duas ou mais empresas de energia no Paraná? Não necessariamente. Mas para disputar e manter o nosso espaço de concessionária para o Paraná no futuro, teremos de provar cada vez mais que somos bons e até melhores do que os outros. E

nós sabemos que podemos fazer isto. Para nós, será um novo e interessante desafio e uma oportunidade para nos qualificarmos cada vez mais.

E para que lucro na Copel? O lucro é necessário para financiar o nosso crescimento, através de projetos de expansão. A própria empresa terá de gerar os seus recursos de expansão daqui para frente, como qualquer outra empresa.

O acionista majoritário, o governo, não colocará mais dinheiro na Copel. Ele terá de colocar os seus recursos no resgate da enorme dívida social que se acumulou durante os anos que passaram, em programas de educação, amparo à criança, saúde, saneamento e outros.

Faço estes comentários porque sei que você gosta da Copel e é um engajado embaixador de sua empresa. Vamos auxiliá-lo, com informações, a desempenhar constantemente esta missão, junto a seus amigos, vizinhos e parentes. Neste espaço e através de outros meios estaremos levando informações a você, para que você desempenhe bem este papel. E sabemos que as informações da Copel serão sempre um motivo de orgulho para você e para todos os copelianos.

*Cordialmente
Ingo Hübert*

COMPANHIA PARANAENSE DE ENERGIA - COPEL (criada em 26 de outubro de 1954) • **Presidente:** Ingo Henrique Hübert • **Dir. Engenharia e Construção:** Simão Blinder • **Dir. Econômico-Financeiro:** Renato Martins Alves • **Dir. Administrativo:** Miguel Augusto Queiroz Schünemann • **Dir. de Distribuição:** Mário Roberto Bertoni • **Dir. de Operação:** Lindolfo Zimmer • **Copel Informações-** Revista de distribuição dirigida editada pela Coordenação de Marketing e Comunicação Social- CMC • **Conselho Editorial:** Julio A. Malhadas Junior - Romeu Franzen - Rubens Roberto Habitzreuter • **Editora:** Ciméa Bevilaqua • **Fotos:** Irineu Nievola - Ennio Vianna - José Carlos Simões - Carlos Borba • **Colaboradores:** Valéria Prochmann, Christian L. M. Schwartz e Jairo Muniz de Resende Jr. • **Redação:** Rua Coronel Dulcídio, 800 Fone: (041) 322-3535 - ramal 4329. CEP 80420-170 - Curitiba - Paraná • **Produção Gráfica e Edição Eletrônica:** Fattoria de Arte Criação e Comunicação - Fone/fax: (041) 233-3856 • **Fotolito:** Opta Originais Gráficos e Editora Ltda. • **Impressão:** Clichepar Editora & Indústria Gráfica Ltda.

CONHECIMENTO SEM FRONTEIRAS

NOVO PROGRAMA FOI LANÇADO DURANTE II SEMINÁRIO DE GERENTES



Está começando o mais ambicioso programa de treinamento já desenvolvido pela Copel. Lançado pelo presidente Ingo Hübert na abertura do II Seminário de Gerentes, realizado em Curitiba nos dias 8 e 9 de maio, o "Centro de Interesse" tem quatro projetos (ver quadro pag. 4) e vai atuar não somente no desenvolvimento profissional, mas na formação cultural e na qualidade de vida dos funcionários da empresa.

"O objetivo é preparar os funcionários para as transformações políticas, sociais e econômicas em andamento no país", explicou o presidente. "Para enfrentar essas mudanças, não é suficiente aprender meia dúzia de técnicas, é preciso que as pessoas compreendam o alcance do momento histórico que estão vivendo."

Não há limites para o "Centro de Interesse". Os maiores especialistas de diversas áreas, no Brasil e no exterior, serão convidados a participar de cursos, seminários e palestras na Copel. Para formar novos

PLANO REAL NÃO VAI ACABAR EM CARNAVAL

Para o economista Joaquim Eloi Cirne de Toledo, vice-presidente da Nossa Caixa, Nosso Banco (São Paulo), é precipitado falar da morte do Plano Real. "Mas o sucesso do plano será uma festa comedida, não um Carnaval", afirma. A receita de Toledo - que participou do II Seminário de Gerentes - é evitar a repetição do passado, isto é, o crescimento acelerado do consumo e a consequente crise cambial que, segundo ele, fez desandar todos os planos anteriores. "O que mais me preocupa é o boom de demanda", afirma o economista. "Não consigo ver o Brasil crescendo 7 ou 8% ao ano sustentadamente. O ideal seria começar com cerca de 2% ao ano

e ir acelerando lentamente, para chegarmos ao ano 2000 crescendo 5% ao ano."



Toledo dá crédito de confiança ao Plano Real.

empreendedores, capazes de reagir de modo flexível às mudanças, valem até sessões de tai-chi-chuan.

O II Seminário de Gerentes da Copel foi o começo desse novo estilo de treinamento. Durante dois dias, mais de 700 gerentes puderam

discutir com estrelas como o economista Joaquim Elói Cirne de Toledo e o presidente da TAM, comandante Rolim Adolfo Amaro, desde os destinos do Plano Real e as mudanças nas organizações até a melhor forma de atender à reclamação de um cli-

ente. Também participaram do seminário o consultor de marketing Renato Marchetti (especialista em comportamento do consumidor), o filósofo e sociólogo Humberto da Silva Lago e o antropólogo Luiz Almeida Marins Filho. ■

QUANDO ENTUSIASMO FAZ A DIFERENÇA

"Para viver hoje é preciso entusiasmo." Parece mais um programa de auto-ajuda, desses que fazem a fortuna de charlatães do mundo inteiro, mas não é. O conselho vem do antropólogo e economista Luís Almeida Marins Filho, ex-aluno da célebre London School of Economics e professor de meia dúzia de universidades no mundo todo. Para Marins, "sem entusiasmo é impossível enfrentar os desafios desta que é a era de maiores transformações da história da humanidade".

Ninguém melhor que ele mesmo para exemplificar a tese. Sua palestra sobre "O poder do entusiasmo", ágil e bem-humorada, foi um dos maio-



Marins: "afaste-se de quem acha que tudo vai dar errado".

res sucessos do Seminário de Gerentes. Marins enumera cinco qualidades para um gerente sintonizado com os novos tempos: positividade ("não dá para ter por perto um corvo que acha que tudo vai dar errado"),

flexibilidade, organização, foco ("saber exatamente qual é o seu objetivo") e iniciativa. E avisa: "O sucesso de hoje não garante o sucesso de amanhã. A empresa precisa ser capaz de reinventar o seu setor, criando novos mercados, produtos e negócios".

É aí que entra o entusiasmo, que não tem nada a ver com riso fácil e otimismo. De origem grega, a palavra significa "tomado pelo deus" e, por isso mesmo, confiante para enfrentar qualquer desafio. "O que se precisa hoje é de gente que acredite em sua capacidade de vencer e que contagie as pessoas em volta", proclama Marins. A platéia concordou. E aplaudiu com entusiasmo. ■

CENTRO DE INTERESSE

O programa "Centro de Interesse", que será desenvolvido pelo Departamento de Desenvolvimento de Pessoal em parceria com outras áreas da empresa, é formado por quatro projetos:

Quem é treinado, treina

O objetivo é que os profissionais que passarem por programas de treinamento compartilhem os novos conhecimentos com outros funcionários da empresa. A idéia é que a pessoa participe de palestras e painéis com os colegas, até trinta dias depois da participação no programa.

Vanguarda do Saber

Para promover o desenvolvimento e a atualização dos profis-

sionais da empresa, o projeto está estruturado em quatro blocos. O principal foi chamado de "Fronteira do Conhecimento", e vai trazer os maiores especialistas do Brasil e do exterior para atividades na Copel (Curitiba e interior). Estão previstas atividades nas áreas de engenharia, energia, administração, arte, ciência, educação, antropologia, história, sociologia, biologia, saúde, psicologia etc.

Os outros blocos são "Banco de Pesquisa", destinado a incentivar e divulgar trabalhos científicos; "Você Sabia?", para a divulgação de assuntos de interesse geral; e "Tribuna", um espaço aberto no Pólo do Km 3 para a livre discussão de idéias, com roda de chimarrão, teatro, poesia etc.

Fonte de Talentos

O objetivo é criar um banco de talentos, envolvendo profissionais de dentro e fora da empresa (inclusive aposentados), que poderão participar de cursos e seminários e prestar consultorias.

Espaço Lúdico

A idéia é tornar o DPDP um lugar agradável e atraente para quem está recebendo treinamento e para os funcionários do Pólo do Km3. Serão desenvolvidas atividades lúdicas e de lazer (jogos, saco de areia para esmurrar, revistas), apresentações musicais, debates sobre filmes e documentários (com a participação dos familiares) e será instalada uma banquinha de doces e revistas.

DE BRAÇO DADO COM O CLIENTE

A história que mais impressionou a platéia no II Seminário de Gerentes foi contada pelo comandante Rolim Adolfo Amaro, proprietário da empresa aérea TAM. Um empresário despachou com urgência um pacote de São Paulo para Curitiba, mas a encomenda acabou indo parar em Brasília. Enquanto isso, quinhentos funcionários da empresa esperavam de braços cruzados, em



Comandante Rolim: salário triplicado para a telefonista que quebrou as normas da empresa.

Paranaguá, a chegada do pacote — uma peça que faltava para poderem prosseguir seu trabalho. Como era sábado, a telefonista que recebeu a reclamação não pôde encontrar nenhum dos diretores da TAM. Não teve dúvidas: fretou um avião de um concorrente e fez a encomenda chegar ao seu destino.

O final do episódio resume a filosofia que levou a TAM a dobrar o número de seus passageiros nos últimos três anos e se tornar a única companhia aérea brasileira que não opera no vermelho: o respeito ao cliente. Vermelho, só o tapete colocado na entrada dos aviões, que se tornou marca registrada da empresa. O comandante Rolim — que faz questão de cumprimentar pessoalmente os passageiros e instalou até um piano de cauda na sala de embarque para distrair quem aguarda a partida — aplaudiu a iniciativa da telefonista e triplicou seu salário.

“Quem tem que levar vantagem é o cliente”, proclama o comandante, que tem sua própria definição de qualidade: “É deixar o interlocutor feliz, em qualquer circunstância”.

Depois da explosão do Plano Cruzado, em 88, a TAM viu sua

participação no mercado cair a menos de 1%. Entre fechar as portas e tentar sobreviver, escolheu a segunda alternativa e partiu para um plano ambicioso de renovação da frota. Com um patrimônio líquido negativo de US\$ 20 milhões, a cara e a coragem, o comandante Rolim conseguiu um financiamento de US\$ 78 milhões, de bancos ingleses. Quando os aviões chegaram — Fokker 100 de fabricação holandesa, até então desconhecidos no Brasil —, veio também a surpresa. O governo voltava atrás e, em vez das quatro linhas aprovadas anteriormente, todas entre grandes centros, impunha sete outros destinos, “que ligavam nada a lugar nenhum”.

Mais uma vez, o comandante não se rendeu. “Vamos mostrar como se faz as coisas com seriedade”, prometeu. “A TAM vai crescer de braços dados com o mercado, com o cliente.” Provocou risos nos concorrentes quando se instalou na porta dos aviões, para ouvir pessoalmente as exigências dos passageiros. Hoje, quem ri é ele, com um cadastro de 500 mil clientes absolutamente fiéis. “As pessoas sabem que o seu problema será resolvido”, explica.

Para fazer tudo isso, a TAM não tem nem organograma. “Não deixo fazer, porque engessa a empresa, e cada encontro com o cliente é uma situação nova, não tem manual que dê conta”, explica o comandante Rolim. “O importante é que o funcionário saiba o que pensa a direção da empresa, para saber como agir. A administra-

ção não pode ser uma caixa preta”, afirma, revelando seu maior segredo: “Se eu não posso tratar diretamente o cliente da forma que eu quero, só há uma forma de fazê-lo: é tratar bem quem faz isso em meu nome”.

FAST FOOD

Quem estiver interessado num emprego na TAM e for convidado para almoçar com o comandante Rolim, uma dica: coma rápido e quase sem mastigar. O comandante acha que quem come devagar é devagar também no trabalho, e não contrata de jeito nenhum. O comandante também pensa em substituir as passagens aéreas por débito direto em cartão de crédito. Enquanto isso não acontece, 4.623 passageiros viajaram pela TAM sem bilhete nos dois últimos anos. Quem esquece a passagem em casa tem um crédito de confiança da empresa, que libera o embarque mediante a assinatura de um termo de compromisso. Calote? Nenhum.

O DESAFIO DA EMPRESA EFICAZ



O presidente Ingo Hübert foi buscar no processo histórico da industrialização brasileira a resposta para a polêmica mais acalorada no país hoje: privatizar é a melhor saída para o Brasil? "É preciso olhar a estatização em perspectiva histórica, para não condenar apressadamente esse modelo", disse, ao lembrar que a participação do Estado foi fundamental para a transformação do Brasil em uma nação emergente.

"Nesse sentido, a proposta do governo é acertada: promover a abertura para o capital privado e estimular parcerias, mas preservando nas mãos do Estado o que existe de bom. Uma estatal ineficaz está no caminho mais curto da privatização", disse.

"Nossa escolha, então, não é entre empresa privada ou estatal, é entre uma empresa eficaz ou ineficaz", afirmou. "E a distância que nos separa de uma empresa eficaz é

muito pequena. A imagem da Copel junto aos clientes é muito boa."

Falando aos gerentes da empresa, o presidente lembrou que os novos tempos impõem mudanças no perfil gerencial. "A essência é tentar ser um empresário dentro da empresa, usar a criatividade e enfrentar os riscos da tomada de decisões", disse. "Se conseguirmos entender essa postura empresarial a toda a Copel, estaremos no caminho da empresa eficaz."

DEBATE

Foram tantas as perguntas apresentadas ao presidente Ingo Hübert ao final de sua palestra no II Seminário de Gerentes, que faltou tempo para respondê-las. As respostas foram dadas à CI.

● Muito se fala em flexibilidade, redução dos níveis hierárquicos, menor controle e maior ação. A Copel possui uma estrutura

gerencial imensa, sintoma do excesso de controle. Como o senhor vê isto?

O que provavelmente vai acontecer é que, com a prática de uma gestão mais flexível, ao longo do tempo essa estrutura gerencial se adapta por si própria, sem necessidade de uma cirurgia que pode ser traumática ou inclusive errada. O primeiro passo é uma atitude flexível em relação aos problemas. Com isso, passa-se a estruturas também variáveis, a estruturas conforme os problemas e, como terceiro passo, adequa-se a estrutura gerencial quase como uma decorrência, e não o inverso.

● Já foram identificados alguns *intrapreneurs* na empresa? Há, na Copel, condições para que esses "empresários internos" se manifestem?

O comandante Rolim deu o bom exemplo daquela telefonista. Ela tinha um problema para resolver, provavelmente afrontou todas as normas da empresa, mas resolveu o problema. Então, na realidade, não é uma questão de identificar os intrapreneurs. Todos os gerentes, por definição, devem ser intrapreneurs.

● A telefonista da TAM fretou um avião particular para satisfazer o cliente e preservar a imagem da sua empresa. O gerente comercial de agência pode comprar medidor bifásico que está em falta na Copel?

Sugestão: procure comprar um e veja o que acontece. Como a telefonista fez.

● O que o senhor pensa sobre a colocação do comandante Rolim que Qualidade Total é um modismo, um desperdício de dinheiro?

Toda e qualquer ferramenta depende muito do uso que se faz. Existe um famoso princípio, o princípio do martelo, que é o seguinte: dê um martelo na mão de uma criança e ela achará vinte maneiras de usar esse martelo, por exemplo quebrando a cristaleira. O TQC é uma dessas ferramentas. É claro que uma empresa pode fazer bom uso dela ou um uso menos bom dela. Portanto, a qualificação de modismo pode até ser verdade, mas não é relevante. Nós estamos procurando fazer um bom uso dessa ferramenta.

● A descentralização de recursos para áreas fins para melhor atender seus clientes irá ocorrer? Em caso positivo, como será?

A pergunta parece sugerir que os gerentes vão cruzar os braços e esperar que a empresa descentralize recursos. Esses gerentes vão esperar sentados. A empresa vai, isto sim, abrir-se para um processo de negociação de recursos alocados a determinadas metas, conforme planos.

● A Copel foi criada como empresa de capital misto para ter mais liberdade e agilidade em suas ações. Hoje nos encontramos numa camisa de força. Esta condição não é questionável junto aos nossos legisladores?

Sem dúvida, dentro de uma democracia tudo é questionável. A pergunta é qual a perspectiva de sucesso se nós quisermos abolir, por exemplo, uma lei 8.666 (N.R.: a lei das licitações). A meu ver, a solução vai por outro lado. Ela caminha pela ocupação de espaços num território onde não existe uma lei 8.666. Por exemplo, projetos em parceria com a iniciativa privada.

● O sr. tem informações sobre indi-

cadores mundiais de produtividade do setor elétrico? Como está a competitividade da Copel em termos mundiais?

Na verdade, não tenho muitas informações. Mas tenho visto algumas empresas na Europa funcionando com cerca de 400 consumidores por empregado. Empresas também integradas, isto é, fazendo geração, transmissão e distribuição, como nós.

● O que o Governo do Estado concretamente espera da Copel?

Em resumo, espera que a Copel seja uma empresa rentável e produtiva e que atenda com qualidade os requisitos de energia, não apenas elétrica, mas de energia do Estado.

● O sistema elétrico da Copel, em vários locais do Estado, é dependente da Eletrosul. Quais as ações que a Copel está fazendo para garantir a continuidade do atendimento, principalmente se se ampliarem as dificuldades da Eletrosul?

O relacionamento com a Eletrosul, como com qualquer outra empresa, é um relacionamento de negociação. Ou seja, a Copel levanta os problemas e procura negociar soluções com a outra empresa. É assim que sempre funcionou. A identificação do problema é meia solução.

● Qual o comportamento esperado de representantes da Copel frente a outras empresas do setor (grupos da operação, distribuição, planejamento e empresarial)?

A Copel participa de grupos setoriais tipo GCPS, GCOI, e os representantes da Copel têm as suas funções bastante bem delineadas. O que se espera é que esses representantes se informem dos requisitos da Copel como um todo e defendam as posições da empresa nesses setores.

- Diversos investimentos sociais gozam de abatimento no Imposto

de Renda. O que a Copel tem feito neste sentido e o que pretende fazer?

Na realidade, não existe nenhum plano específico de investimentos sociais. Mas quando a Copel for solicitada a investir, ela o fará dentro de seus interesses e dentro de suas possibilidades. Por outro lado, a empresa tem uma série de investimentos sociais já com seus próprios empregados, como a Fundação Copel, o plano de aposentadoria, o plano complementar de saúde, seguro, em alguns casos alimentação. É muito importante, porém, distinguir uma empresa com atendimento social de uma empresa paternalista. A Copel não vai inventar coisa nova. Vai procurar seguir aquilo que o mercado de trabalho também está praticando.

● Como o sr. vê a terceirização de serviços pela Copel?

Vamos dedicar atenção a este ponto. Sempre que for demonstrado que alguém no mercado pode desempenhar determinada atividade melhor que nós e com custos mais baixos, será analisada a possibilidade de terceirização.

● Como o sr. vê o Clube de Investimentos criado pelos funcionários da Copel?

É uma iniciativa louvável que, no mínimo, faz com que os empregados que participam desse clube de investimentos se informem muito bem sobre a empresa e sobre o comportamento das ações no mercado. Em termos bem genéricos, penso que uma participação no mercado de ações só traz benefícios, tanto para as pessoas que se informam como também para as empresas.

● Não seria necessária uma divulgação mais sistemática dos resultados financeiros aos empregados?

Isto vai acontecer ainda este mês. Nós vamos fazer comentários sobre o primeiro quadrimestre. ■

COMUNICAÇÕES NA ERA DO COMPUTADOR

REPETIDORAS DA COPEL COMEÇAM A SER CONTROLADAS AUTOMATICAMENTE

Desde o final de abril, seis estações repetidoras da rede de comunicações da Copel já estão sendo totalmente monitoradas por computador. Pela rede, que tem 44 estações em todo o Paraná, trafegam 90% das comunicações da empresa (inclusive os dados referentes ao faturamento) e é feito o controle e supervisão das usinas e subestações. Nos próximos meses, todas as estações da rede no Estado estarão integradas ao sistema- hoje o acompanhamento por computador está sendo feito em paralelo com o sistema antigo. O programa foi desenvolvido em conjunto pela SGO (Divisão de Operação e Supervisão de Telecomunicações-VSAO)

e SDI (Divisão de Sistemas de Operação- VOST) e começou a ser testado em dezembro.

Por esse sistema, o tempo necessário para verificar o funcionamento de toda a rede repetidora, que era de um minuto e meio, cai para cerca de um minuto, e com outras vantagens: "O sistema já se encarrega de mostrar na tela do computador qual a estação que está com problema, identifica o que está acontecendo e informa o que aconteceu antes", explica Divonsir Luiz Jacomini, da VSAO. Com o equipamento anterior, a informação disponível era apenas uma luzinha acesa no painel de controle e um relatório que dava o local e a hora

da ocorrência e um número para identificá-la.

O operador precisava consultar a relação dos códigos para saber que providências seriam necessárias, e sua sensibilidade era fundamental para identificar a série de ocorrências. "Essa experiência dos operadores agora pode ser incorporada ao sistema, ajudando a preservar um conhecimento que poderia ser perder com a aposentadoria dos operadores mais tarimbados", afirma Alvaro Antunes, da VOST. O sistema completo prevê a instalação de mais um microcomputador: se um falhar, o outro assume o controle da rede de telecomunicações.



Na tela, informações sobre as 44 repetidoras da Copel no Estado a cada minuto.

DEPENDÊNCIA É CRIME?

GOVERNO INICIA DEBATE SOBRE A DESCRIMINAÇÃO DO USO DA MACONHA

O Ministério da Saúde programou para junho um seminário nacional para discutir a polêmica questão da descriminação do uso de drogas, já defendida publicamente pelo ministro da Justiça, Nelson Jobim. Tramitam no Congresso Nacional cinco projetos relacionados ao tema. A idéia de debater com a sociedade a descriminação do uso de drogas partiu do ministro da Saúde, Adilb Jatene, diante do impasse para que sua pasta desenvolva programas de tratamento de viciados, já que eles são considerados criminosos pela legislação em vigor. O seminário vai reunir especialistas dos dois ministérios, psicólogos e psiquiatras que tratam de dependentes de drogas.

Os resultados de uma pesquisa realizada recentemente pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas entre estudantes de dez cidades brasileiras mostram que a questão é preocupante principalmente no Paraná. Enquanto o uso de drogas vem diminuindo entre os estudantes de grandes centros como Rio de Janeiro, Brasília e Salvador, o número de usuários de drogas em Curitiba é crescente. Cerca de 20% dos alunos da rede estadual já experimentaram algum tipo de droga, principalmente cola de sapateiro (e outros produtos químicos) e maconha.

A discussão proposta pelo Ministério da Saúde estará voltada principalmente à descriminação do uso da maconha, que envolve dois aspectos. O THC (tetra-hidrocanabinol, princípio ativo da maconha) já foi reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como medicamento eficiente para o tratamento dos efeitos colaterais da quimioterapia em pacientes com

câncer, mas não tem reconhecimento oficial no Brasil. A outra vertente diz respeito à descriminação (isto é, deixar de tratar como crime) do uso da maconha, com base no argumento de que o

viciado é doente, não criminoso. A comercialização da droga permaneceria ilegal.

Uma pesquisa realizada em maio pela Folha de S. Paulo, porém, revelou que 81% dos brasileiros

PROGRAMA DA COPEL JÁ ATENDEU 1.173 PESSOAS

O Programa de Dependências Químicas (álcool e outras drogas) da Copel foi apresentado em maio no 11º Congresso Brasileiro de Alcoolismo e outras Drogas, realizado em Belo Horizonte. Reconhecido nos dois últimos congressos como um dos melhores do país, foi indicado pela comissão técnica da Associação Brasileira de Estudos do Alcool e outras Drogas (ABEAD) para disputar premiação. Empresas como a Eletrobrás, Volvo do Brasil e Klabin já entraram em contato para obter informações sobre o programa, que foi comprado e implantado pela Companhia Energética de Alagoas (CEAL).

“É o único programa do país com números de custo/benefício”, explica a coordenadora, Marisa Seara. Sem tratamento, um empregado dependente de álcool ou drogas custa para a empresa cerca de US\$ 164 por ano. Com o tratamento, o gasto anual cai para US\$ 75. Participam do programa, desenvolvido pela Divisão de Serviço Social (SRH/DPSM/VSSO), médicos (do trabalho e psiquiatras), psicólogos, assistentes sociais e representantes de grupos de ajuda mútua como os Alcoólicos Anônimos (AA) e os Narcóticos Anônimos (NA).

“A pessoa pode optar entre fazer

ou não o tratamento, que é pago pela empresa”, explica Marisa. “Não queremos passar uma imagem paternalista. Se o empregado não quiser participar, não será perseguido ou demitido. As medidas administrativas, se acontecerem, serão em função da queda de rendimento.”

Quem aceita o tratamento passa a frequentar reuniões de grupo durante seis meses, no próprio horário do expediente. As reuniões são coordenadas por copelianos, ex-dependentes que participam de grupos de ajuda mútua. Se houver necessidade, a pessoa passa por sessões de psicoterapia e pode ser internada em clínicas especializadas. Assistentes sociais acompanham a evolução do tratamento junto à família e a gerência do funcionário, e continuam mantendo contatos periódicos com a pessoa mesmo depois de sua liberação.

Até março de 95, 1.173 pessoas haviam passado pelo programa. Destas, 579 foram liberadas por não haver necessidade de tratamento e 127 se recusaram a participar do programa. Dos 412 funcionários que já concluíram o tratamento, 367 (89%) são considerados recuperados. Atualmente, outras 55 pessoas estão se tratando.

pensam que a maconha deve continuar proibida, enquanto 17% acreditam que o uso da droga deve deixar de ser crime. A assistente social Marisa Seara, coordenadora do Programa de Dependências Químicas da Copel, é contrária à medida. "Eu sou contra porque a liberação vai gerar custos adicionais ao Estado e só aumentará o consumo", argumenta. Os projetos

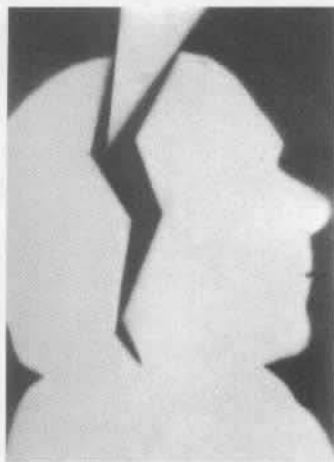
em tramitação na Câmara de Deputados são os seguintes: o deputado Elias Murad (PSDB-MG) propõe que o usuário não seja mais preso, mas tenha a droga apreendida e seja obrigado a prestar serviços à comunidade ou pagar multa; o deputado Eduardo Jorge (PT-SP) propõe a despenalização do usuário e a apreensão da droga; e a CPI do narcotráfico apresentou projeto em

que o uso de drogas continua sendo considerado crime e aumentam as punições contra os traficantes. Há dois outros projetos, de iniciativa do Senado. Num deles, o uso de drogas permanece sendo crime e o usuário poderá ser internado em programas de recuperação. No outro, a proposta é que o dependente tenha tratamento médico acompanhado por um juiz. ■

OS DEPOIMENTOS DE DOIS EX-PARTICIPANTES DO PROGRAMA DE DEPENDÊNCIAS QUÍMICAS DA COPEL MOSTRAM A DIFÍCIL EXPERIÊNCIA DE DEPENDENTES E AJUDAM A REFLETIR SOBRE A DISCRIMINAÇÃO DO USO DE DROGAS. OS NOMES USADOS SÃO FICTÍCIOS, PARA PRESERVAR SUAS IDENTIDADES.

"EU BEBIA PARA DISFARÇAR QUE USAVA DROGAS"

"MARCOS", 35 ANOS, PORTADOR DE DEPENDÊNCIA CRUZADA (ÁLCOOL E DROGAS)



"Aos 15 anos comecei a usar maconha. Era pouco, pois não tinha muito dinheiro. Algum tempo depois passei a usar cocaína e anfetaminas. Antes

eu não ingeria álcool e não gostava da bebida. Comecei a beber pelo fato de a bebida ser aceita pela sociedade. Se eu bebesse um copo de

"O ÁLCOOL, PARA MIM, É A PIOR DAS DROGAS, PORQUE ELE É ACEITO PELA SOCIEDADE."

cachaça ou uma cerveja em uma festa, ou mesmo dentro da Copel, era aceitável, natural. Então eu fumava um base-

ado escondido e daí bebia junto com os outros para dizer que eu estava bêbado, caso eu ficasse muito alegre e alguém percebesse alguma coisa. Foi basicamente assim que eu comecei a ingerir álcool. Foi para encobrir a droga. A cocaína e a anfetamina não deixam

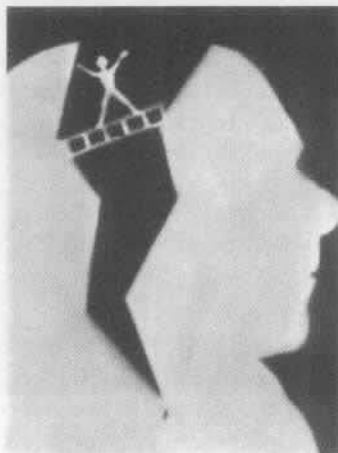
cheiro, mas o fumo deixa. Já fui preso portando droga. Na delegacia me ameaçaram. Se eu não desse dinheiro, contariam para a Copel que eu tinha sido preso por porte de droga.

Eu comecei a ficar agressivo em casa. Na empresa nunca cheguei a brigar, mas sempre discutia, batia boca. Quando jogava futebol

na Fundação eu brigava. Teve uma época que eu fui suspenso da Fundação por seis meses. Ficou bem difícil eu me relacionar com as pessoas, porque eu vivia cheio de culpa e achava que ninguém ia com a minha cara. Eu chegava em algum lugar que tinha gente rindo e conversando, eu achava que estavam rindo de mim. Tinha um sentimento de inferioridade. Para compensar eu me tornei um cara mais agressivo e usava a droga para fugir desse sentimento.

Entrei no programa da Copel pela primeira vez em 89. Havia um memorando em minha mesa que pedia para eu me apresentar no DPSM. Eu fui lá achando que era o exame periódico. O médico pediu

somente um exame de sangue e disse que haviam me identificado como alcoólatra e usuário de drogas. Fiz seis meses de tratamento e dizia que havia parado de beber e de usar drogas. Fui liberado do programa e achei que tinha enga-



nado todo mundo. Não enganei ninguém, nem a mim mesmo. Na segunda vez, eu havia mandado minha esposa ligar para meu chefe e dizer que eu tinha saído para resolver alguns problemas. Na noite anterior, havia consumido cocaína, uísque e cerveja. Às 7 da manhã estava num bar, daí bati o cartão na Copel e fui para casa dormir. Em vez de ligar para meu chefe, ela ligou para o serviço social. Fui en-

caminhado para o Hospital do Bom Retiro. No hospital me conscientizei que a droga e o álcool eram problemas progressivos. Eu senti isso. Comecei fumando pouco e bebendo pouco e, quando percebi, estava fumando demais e bebendo demais. Senti que fatalmente isso me levaria à loucura ou à morte.

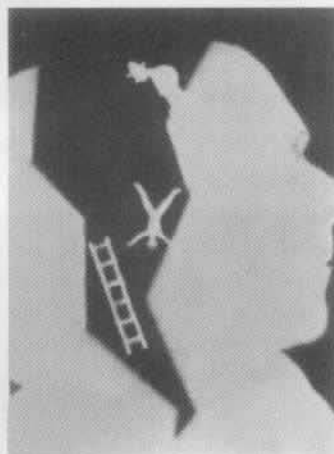
A dificuldade foi retornar ao trabalho. Eu ficava imaginando o que as pessoas iriam falar. Mas fui

bem recebido pelos colegas de trabalho e pela chefia. Outra dificuldade foi me manter afastado do vício. Do álcool, nem tanto, mas os "amigos" me procuravam para consumir drogas. Tive que me afastar de tudo que estivesse ligado às drogas. Endereço, amizades, borários, mudei tudo. Foi o início de uma nova vida. Se continuasse daquele jeito, nem sei se estaria vivo, e certamente estaria na sarjeta." ■

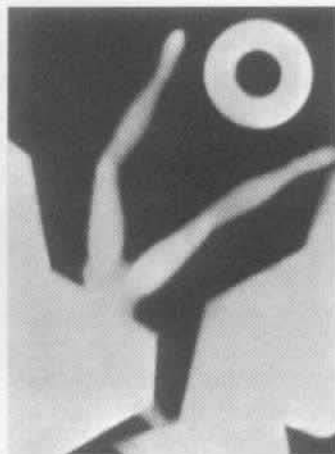
“FOI DIFÍCIL PERCEBER QUE O ÁLCOOL ERA UM PROBLEMA”

“GUSTAVO”,
47 ANOS,
ALCOOLISTA

Comecei bebendo em festas, às vezes em bar. Sempre bebendo forte. Eu queria mostrar que eu era o maior bebedor de todos. Eu já tinha uma tendência de procurar



uma mão-zinha. Mas não era a solução. Na realidade, depois que vai passando o efeito, o álcool vai te deprimindo. É uma faca de dois gu-



te. Antes de entrar para o programa da Copel, fiquei quatro anos sem beber. Aí bouve uma recaída, mas não voltei a beber como bebia antes porque já sabia o mal que o álcool me fazia. Parei de beber por mais dois

aqueles pessoas que bebiam. Eu tinha um grupo de amigos, no local onde eu morava, e todos eles bebiam. Ninguém me chamou para ir lá. Eu fui porque quis e já caí no meio dos que usavam álcool. Na verdade a bebida já era um problema desde o começo, mas custei a perceber. Eu era uma pessoa mediana. Nunca fui um destaque, nem um estudante prodígio. Tinha alguma dificuldade de relacionamento

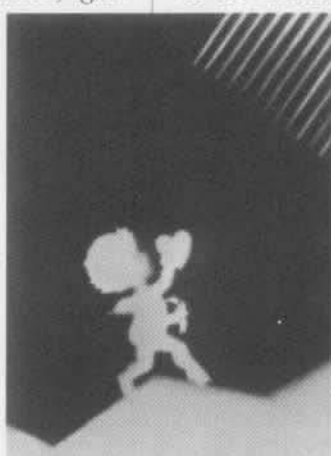
mes. Quando comecei a beber mais, virei um cara complicado, tanto na família quanto no trabalho. Era uma pessoa muito orgulhosa, egoísta. Eu era prestativo com os amigos. Mas se eu não ia com a cara de um sujeito, ele não podia fazer nada que eu já discutia. Não vou dizer que mudei totalmente. Estou mudando.

anos. Depois eu vim para o programa e fiquei um ano. Aprendi muita coisa com os próprios companheiros de reunião. Vi funcionário da

“O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA DA FALTA DE FÉ”.

com as namoradas. Eu era tímido com as meninas, o álcool da v a

Cada dia estou tentando melhorar. Hoje já aceito as pessoas e já sou melhor que naquela época. Não tenho inimizades, sou mais toleran-



Copel morrendo de alcoolismo, vi pessoas perderem o emprego. Tudo isso me ajudou. Eu não tive dificuldade para deixar de beber. Difícil foi permanecer sem beber. O alcoolismo é uma doença da falta de fé. Tive que retornar à fé em Deus." ■

Ilustrações: Buch von Emmett Williams/Staatskunsthalle Berlin

PÉ NA ESTRADA

COM UM ACERVO DE 500 TÍTULOS, VOLTA A CIRCULAR O TRAILER DA INFORMAÇÃO

De depois de passar por uma revisão geral, o trailer da Biblioteca Central está voltando a circular. Em maio, com um acervo de 500 exemplares de literatura e 50 obras técnicas, o trailer chegou ao Centro de Distribuição de Londrina, onde fica instalado até o final de junho. As próximas escalas previstas são Cornélio Procópio e Apucarana, com uma permanência de dois meses em cada cidade.

“O objetivo é fazer a biblioteca chegar até o funcionário”, explica a coordenadora da Divisão de Biblioteca, Helena Maria Vita. O restante do acervo continua à disposição dos usuários da empresa para con-

sultas e empréstimos. Incluindo o material das bibliotecas setoriais (LAC, SAJ e DPDP), são 20 mil exemplares de livros técnicos de diversas áreas e outro tanto de documentos como relatórios, folhetos e normas técnicas nacionais e estrangeiras, além de 400 títulos de periódicos do Brasil e do exterior.

Os próximos roteiros do Trailer da Informação já estão sendo preparados. Quem estiver interessado em receber a visita do trailer



A equipe da biblioteca comemora a volta do Trailer da Informação: Edialede, Mara, Alcioni, Luciana, Helena e Lilian.

OS BEST-SELLERS DA COPEL

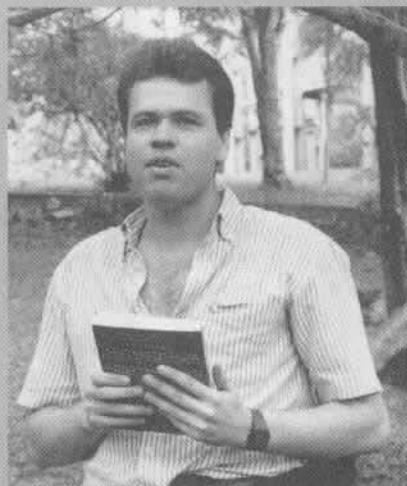
A média mensal de empréstimos na Biblioteca Central da Copel, que chega a dois mil exemplares, empata com a da Biblioteca Estadual de Salvador, que atende a uma população de quase 2,5 milhões de pessoas. As consultas pelo terminal são mais de três mil por mês.

Sem contar o material técnico, os best-sellers são os campeões de empréstimos. Para conseguir levar para casa um exemplar de “O Alquimista”, de Paulo Coelho, a fila de espera é de quinze pessoas. Os coquetéis de intrigas picantes em cenários paradisíacos, marca registrada de autores como Sidney Sheldon e Harold Robbins, também encabeçam as preferências.

Alvaro Antunes (SDI/DPST), um dos maiores usuários da biblioteca, não espera na fila. “Gosto de experimentar autores des-

conhecidos, para ver se gosto ou não”, diz Alvaro, apreciador de romances e ficção científica. Ele também devora todas as novidades da informática e incursiona por outras áreas como administração e direito.

Não é o caso de Léo Mikami,



Franco-atirador, Alvaro Antunes lê tudo o que cai em suas mãos.

outro super-usuário, Mikami, que trabalha com análise de sistemas de potência no Departamento de Estudos Elétricos, concentra sua leitura em material técnico na área de engenharia elétrica. “Está sempre aparecendo coisa nova, então procuro me manter atualizado”, explica. “E quando preciso de um artigo que a biblioteca ainda não tem, o pessoal procura conseguir em outros locais.”

Depois da posse do presidente Ingo Hübert, dois outros livros viraram best-sellers: “A empresa flexível”, de Alvin Toffler, e “O Brasil que dá certo”, de Stephen Kanitz, citados no discurso de posse. Muita gente também quis conferir de perto as idéias do presidente. Seu livro “A empresa eficaz” entrou rapidamente para a lista dos mais procurados, junto com as publicações voltadas à qualidade total.



deve entrar em contato com a Divisão de Biblioteca (041- 273-3632, ramal 273).

Acervo

O ponto de partida para a criação da Biblioteca Central foi a Usina de Capivari-Cachoeira, ou melhor, o acervo técnico de mais de mil exemplares acumulado durante a construção da hidrelétrica. Terminada a obra, o material foi reunido ao que já existia nos diversos setores da Copel e deu origem à Biblioteca Central.

O acervo de literatura começou a ser formado em 89. Uma das bibliotecárias, Marina C. Lopes, fez uma doação de cerca de 120 títulos. "Eu tinha muitos livros em casa, resolvi trazer para a Copel", explica. Todo o acervo hoje existente, de cerca de 500 exemplares, também é fruto de doações de funcionários.

O Trailer da Informação começou a circular em 86, aproveitando o equipamento que havia sido adquirido para funcionar como escritório nas canteiro de obras de Foz do Areia. Mais uma vez, uma usina dava impulso à biblioteca. ■

IMAGENS DE SATÉLITE CHEGAM AO SIMEPAR

O Sistema Meteorológico do Paraná (Simepar) acaba de receber um moderno equipamento doado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que permite receber diretamente imagens de satélite. O equipamento funciona ligado a um computador, que armazena e trata as informações captadas sobre temperaturas, umidade, cobertura de nuvens e posição das massas de ar. O novo sistema tem vantagens em relação ao que era utilizado até então: a recepção da imagem passa a ser direta (e não mais retransmitida pelo Inpe) e a frequência da recepção cai pela metade, de intervalos de 60 minutos para 30 minutos.

Desde o início do ano, a média mensal de consultas ao Simepar está em torno de 6 mil. Para o gerente do Centro de Distribuição de Umuarama, Mitsuo Watanabe, as informações meteorológicas são de grande utilidade para a adoção de medidas de manutenção da rede. "Nossa região é muito arborizada, o

que facilita danos nas linhas na ocorrência de ventos fortes e chuvas", afirma. "A previsão confiável do tempo possibilita colocar as equipes de sobreaviso."

No Centro de Distribuição de Curitiba, a consulta às previsões do Simepar já se tornou rotina diária. As informações são empregadas na programação do atendimento emergencial. "Quando há fenômenos adversos, como vendavais, temporais e raios, a quantidade de atendimentos na capital aumenta de 130 para até 600 ocorrências no dia", calcula José Alberto Ribeiro, que atua nos serviços de operação do CD de Curitiba.

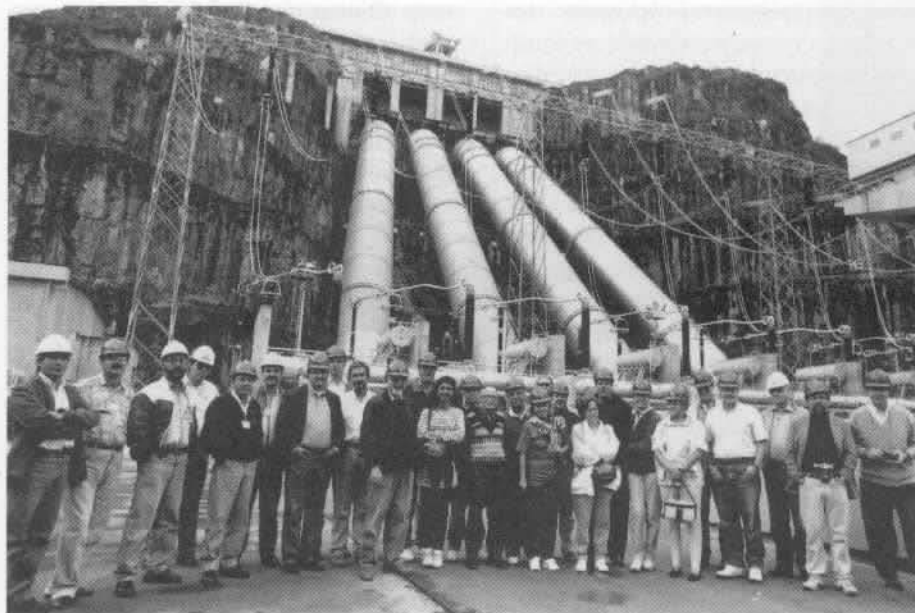
Em abril, o Simepar participou da Mercosoft 95, a feira de informática do Mercosul. Foram distribuídas ao público cópias do *software* de previsão do tempo MetInfo, produzido pela Superintendência de Desenvolvimento de Informática da Copel (SDI), que garante acesso *on-line* às informações meteorológicas do Simepar. ■



Rino Lucchin, do Simepar, faz demonstração do sistema de informações meteorológicas na Mercosoft.

CORPO A CORPO

Depois de participar da Feira de Hannover, a Copel está investindo no corpo-a-corpo para se tornar conhecida pelos investidores estrangeiros. No início de maio, um grupo de empresários alemães (foto) visitou a Usina de Segredo e as obras da Derivação do Rio Jordão. A visita foi organizada pela Câmara de Comércio e Indústria Brasil-Alemanha. "Boa parte das indústrias eletro-eletrônicas e de metal-mecânica instaladas no Brasil é de origem alemã", lembrou o presidente Ingo Hübert, que acompanhou o grupo. "A possibilidade de estabelecer parcerias com essas empresas nos interessa, e a julgar pela impressão que seus representantes tiveram, farão boa publicidade da Copel lá fora."



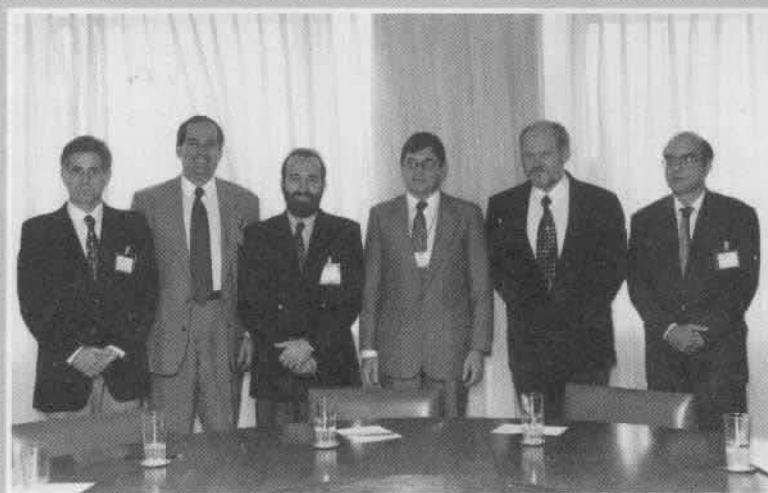
RARIDADE



A árvore mais alta da foto, que faz parte do jardim da Agência de Toledo, é um dos dois únicos exemplares brasileiros conhecidos da raríssima *Agathis robusta*, de origem australiana e prima da araucária. A outra representante da espécie no Brasil fica em Campinas (SP).

COMPAGÁS

Foi eleita e empossada em 9 de maio, em Curitiba, a primeira diretoria executiva da Compagás-Companhia Paranaense de Gás, empresa subsidiária da Copel que vai construir e operar a rede de distribuição e comercialização de gás canalizado no Paraná. Foi eleito presidente o engenheiro Luiz Roberto Dantas Bruel, que acumulará o cargo com a ge-



rência da Superintendência de Energias Alternativas. Na diretoria Técnico-Comercial, foi empossado Derly

de Oliveira Bittencourt (vinculado à Petrobrás Distribuidora), e na diretoria de Administração e Finanças, Hermano Darwin Vasconcellos Mattos (indicado pela Dutopar, grupo que concentra os capitais privados associados à Compagás). A eleição da diretoria foi por unanimidade dos votos dos representantes dos três acionistas.

PERSONAGEM

Quando se mudou para a Usina de Chaminé, com nove anos de idade, Hamilton Rocha de Oliveira (foto) não imaginava que passaria os vinte anos seguintes na hidrelétrica mais charmosa da Copel. Filho do operador Antônio Batista de Oliveira, que entrou para a Companhia de Força e Luz em 1974 e se aposentou há três anos, Hamilton cresceu andando no trôlei que fez a fama de Chaminé e hoje é encarregado da usina. Não precisou ir muito longe nem para casar: conheceu a esposa, Maria Lúcia, num baile na localidade mais próxima (Contenda, no município de São José dos Pinhais). Casaram em 89 e hoje têm três filhos, uma menina de oito anos e gêmeos de nove meses, que ainda não conhecem o mundo fora da usina. Outro dos seis filhos de Antônio Oliveira, Ailton, trabalha na Usina de Guaricana.



CASA FAMILIAR RURAL

Foi entregue oficialmente em maio à prefeitura de Nova Prata do Iguaçu a primeira das quatro unidades da Casa Familiar Rural que serão construídas pela Copel nos municípios diretamente afetados pelas obras da Usina de Salto Caxias. O objetivo do projeto, desenvolvido em convênio com as prefeituras, é promover a formação técnica dos filhos de agricultores da região, possibilitando a melhoria da produtividade e da renda das pequenas propriedades rurais. Também serão beneficiados os municípios de Capitão Leônidas Marques, Boa Vista da Aparecida e Três Barras do Paraná. A Copel investiu cerca de R\$ 113 mil na construção e aparelhamento da Casa Familiar Rural de Nova Prata do Iguaçu.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Na 40a. Assembléia Geral Ordinária de Acionistas da Copel, realizada em 25 de abril, foi eleito o novo Conselho de Administração da empresa, para o biênio 95/97. O ex-governador Ney Braga foi reconduzido à presidência do Conselho, que passou a ser integrado também por Cássio Taniguchi, Fabiano Braga Côrtes, Ingo Henrique Hübert (secretário executivo), Kalil Cury Filho, Manoel Luiz Gomes Osti (representante dos funcionários), Pau-

lo Cruz Pimentel, Pietro Erber e Saul Raiz. Na mesma assembléia, com mandato para o exercício de 95, foram eleitos os novos membros do Conselho Fiscal: Eduardo Marques Dias, Fric Kerin, Norton José Siqueira Silva, Dirceu Pires de Araújo e José Luiz Mesquita Prado (efetivos); e Getúlio Miranda de Paula Garcia, Rosângela Heinz Gavinho Ferraz, César Ribeiro Ferreira, Miguel Arão Droppa e Carlos Alberto de Carvalho Afonso (suplentes).

BIBLIOTECAS

Durante a solenidade de inauguração da Casa Familiar Rural, também foi entregue à prefeitura um acervo de 300 exemplares para a biblioteca municipal. Lotes semelhantes foram repassados para as prefeituras de Capitão Leônidas Marques (sede e escola do distrito de Alto Alegre), Boa Vista da Aparecida, Três Barras do Paraná, Cruzeiro do Iguaçu e Boa Esperança do Iguaçu.

SIPAT/95

O Departamento de Transmissão de Curitiba (DOP/SML/DPMC) realizou nos dias 26 e 27 de abril sua Semana Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho. Mais de 100 pessoas participaram da extensa programação, que teve palestras e exposições no auditório do DPDP, no Pólo do Km 3. A abertura da programação foi feita pelo diretor de Operação, Lindolfo Zimmer.

COPEL NO IBQP

O presidente do Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP-PR), Sérgio Prosdócimo, visitou a Copel em maio para convidar oficialmente a empresa a se associar ao IBQP. Para Prosdócimo, a participação da Copel é importante para a troca de experiências e tecnologias com outras empresas, já que "a modernização da indústria paranaense e a busca de maior competitividade também dependem de serviços elétricos confiáveis".

TROFÉU DA QUALIDADE

No dia 19 de maio, no auditório da sede, foram entregues os prêmios do concurso interno para escolha do Troféu Qualidade Copel (foto). O vencedor, Marcelo Sanson (DOP/SGM/CNAF), recebeu seu prêmio das mãos do presidente Ingo Hübert. Os dois prêmios de incentivo (para Amarildo Geraldo Reichel, da DOP/LAC/CNAT, e para José Carlos Rosa, da DDI/CDCN/VPOC), foram entregues respectivamente pelos diretores administrativo Miguel Schünemann, e de distribuição Mário Bertoni.



CIRCUITO ABAMEC

Os analistas de mercado de São Paulo, Rio e Curitiba puderam conhecer em detalhes, no início de maio, os resultados financeiros da Copel em 94, em encontros promovidos pela Associação Brasileira dos Analistas de Mercado de Capitais (Abamec). As apresentações-habituais em empresas de capital aberto foram feitas pelo diretor econômico-financeiro e de relações com o mercado, Renato Martins Alves (foto). "Os analistas são nossos principais interlocutores junto aos investidores, por isso é importante que estejam bem informados sobre a empresa", explica Alves.



TELEFONE EM CAXIAS

Dentro de dois meses, o canteiro de obras da Usina de Salto Caxias estará interligado ao sistema de telecomunicações da Telepar. Um contrato foi assinado no final de maio para a instalação no canteiro de um rádio-enlace correspondente a 30 canais de transmissão de voz e dados, que fará a interligação com a estação telefônica de Boa Vista da Aparecida e daí a todo o sistema público de telecomunicações. O contrato também beneficia as comunidades vizinhas. Para instalar o sistema no canteiro, a Telepar substituiu a estação telefônica da região por um moderno equipamento digital com capacidade de 592 terminais telefônicos.

PRONTOS PARA VENCER

PROGRAMA EXECUTIVO 2001. FORMA SEGUNDA TURMA

Com uma palestra do presidente Ingo Hübert, foram encerradas no dia 28 de abril, no Centro de Treinamento do Km 3, as atividades da segunda turma do programa Executivo 2001. Concebido como um curso de pós-graduação *lato sensu*, o Executivo 2001 já formou até agora setenta profissionais de Curitiba e do interior, que nos próximos anos poderão assumir postos de gerência na empresa. "É um programa de vanguarda, que antecipa a qualificação do corpo gerencial", afirmou Hübert.

Em sua palestra, o presidente fez uma retrospectiva do desenvolvimento econômico brasileiro nas últimas décadas e comparou os modelos de gestão em empresas privadas e estatais. "O gerente tradicional está em extinção nas empresas privadas, e o mesmo caminho deverá ser seguido pelas empresas estatais", disse. "Para fazer frente aos novos desafios, a tendência é que as estruturas empresariais se tornem mais flexíveis, o que exige que os profissionais ajam como *intrapreneurs*, isto é, empresários dentro da empresa."

"Me sinto outra pessoa", disse Silvia Maciel Cunha, uma das duas



Hübert falou aos formandos

únicas mulheres da turma, no encerramento do curso. Formada em Letras, Silvia não esperava ter oportunidades de fazer carreira na empresa. "Achava que minha formação era um obstáculo, mas o Executivo 2001 abriu espaço para quem não vem de áreas técnicas." Ana Regina dos Santos de Camargo, que está há 13 anos na Copel, também gostou da experiência. "As matérias foram adaptadas à realidade da empresa", elogiou.

Para Ilmar Moreira, um dos pontos positivos foi a integração dos participantes do curso. "Em quatro meses de trabalho conjunto, a turma passou a ser uma verdadeira equipe", disse. "E o curso teria sido ainda melhor se houvesse a oportunidade de estagiar em diferentes áreas da empresa." ■



Silvia, Ilmar e Ana Regina: preparados para novos desafios

O CANTO DO CURIÓ

COPELIANO TREINA GRANDES "CANTORES" HÁ MAIS DE 20 ANOS

Humberto Sandri Neto (DAD/SRH/DPDP) ainda se lembra do canário belga que o pai criava numa gaiola. "Como todo bom passarinho, comecei em casa, desde criança", recorda. Do canário ele passou ao pintagol, daí ao curió, e lá se vão mais de 20 anos de dedicação a esse pequeno pássaro tão admirado pela beleza do seu canto, comparado pelos criadores ao som do violino. Humberto entende melhor do que ninguém o significado da palavra *curió* - "amigo do homem" para os índios. Em 1981, há apenas 4 anos competindo, já acumulava títulos em torneios de canto. Hoje não compete mais, mas continua treinando e comercializando grandes "cantores". Sobre as vendas ele prefere não falar, e é modesto quando perguntado sobre os seus títulos em campeonatos por todo o Brasil. "Alguns podem pensar que é um negócio fácil e rentável e acabar se dando mal. E os meus títulos são o menos importante. Só quero que as pessoas conheçam um pouco da beleza do curió", afirma.

Também conhecido por *avinbado*, o curió é uma ave típica da América do Sul. Vive em árvores às margens de rios e aparece nas matas de todo o Brasil, especialmente na Mata Atlântica. Alimenta-se das sementes de tiririca na natureza. Em cativeiro, o cardápio é mais variado: milho branco, arroz



Humberto: curiós treinados ao som de CD.

com casca, alpiste e larvas do besouro *tenebria*. A fêmea não participa das competições. O famoso canto dos curiós é dos machos. O acasalamento acontece de agosto a março, e é a época em que eles cantam mais, "galanteando" as fêmeas, embora o canto, de machos e fêmeas, possa exprimir ainda alegria, tristeza ou sinal de alerta.

O treinamento das aves é curioso. Humberto, por exemplo, mantém um sistema de sonorização com caixas de som espalhadas por toda a casa. Em períodos alternados de 15 minutos, os curiós ouvem o

canto dos grandes campeões em fita. "Estamos trazendo de São Paulo um sistema que utiliza CD", conta Humberto. Além do treinamento com as gravações, eles passam também a ter aulas com um mestre, e são separados dos pais para que não adquiram os seus vícios de canto.

Os campeonatos se realizam sempre ao ar livre e são três as categorias básicas. Nas categorias *praia* e *pardo* (aves mais jovens) avalia-se a qualidade do canto. As competições de *fibra* reúnem muitos curiós em um círculo. Quem cantar mais tempo leva o primeiro prêmio. A Federação Brasileira dos Criadores de Bicudos e Curiós e as associações de criadores dos estados são responsáveis pela organização de um campeonato nacional, que tem etapas disputadas em Curitiba, Paranaguá, Foz do Iguaçu, e cidades de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. "A Federação e as associações procuram incentivar a criação de curiós para colaborar na preservação da fauna nacional", diz Humberto, que no início caçava as aves. Hoje só tem animais de cativeiro, e trabalha na readaptação de curiós que não servem para competição ao seu habitat natural. "Se você quer ter animais de estimação, cuide deles. Se não é melhor nem ter", recomenda. Ele cria também cães das raças *rottweiler* e *husky siberiano* e até as larvas que alimentam seus curiós. ■

DESIGNAÇÕES



Carlos Eduardo de Almeida, para superintendente de Recursos Humanos (DAD/SRH), em 13.02.95.



Francisco S. B. Munhoz da Rocha, para assistente da Super. Planej. Financeiro (DEF/SPF), em 19.01.95



Lourival dos Santos e Souza, para assistente da Super. Oper. Manut. Leste (DOP/SML), em 27.01.95



Renê Colley, para gerente do Centro de Distribuição de S. José Pinhais (SRC/CDSJ), em 28.03.95.



Antônio A. Branco Stange, para gerente da Div. Análise Proj. de Preços (SSU/DPIC/VAPP), em 24.01.95.



Daniel Luciano Archanjo, para gerente da Div. Desenv. de Fornecedores (SSU/DPTM/VDSF), em 24.01.95



Waldir Sampaio, para gerente da Div. Geração de Figueira (SML/DPGL/VGFI), em 09.02.95.



Alfonso Schmitt, para gerente da Div. Manut. SE e LT de Curitiba (SML/DPMC/VSLC), em 09.02.95.



Doglair de Paula Souza, para gerente da Ag. Santa Felicidade (SRC/CACB/ASFD), em 13.02.95.



Amarildo Geraldo Reichel, para gerente da Coord. Pesq. Desenv. Sist. Aut. e Instrum. (IAC/CNAT), em 03.03.95.



Jorge Luiz de Miranda, para assistente da Coord. Assuntos Fundiários (SGM/CNAF), em 19.04.95.



Almir Luiz Galera, para gerente da Div. de Proj. e Obras (SRV/CDPB/VPOT), em 27.04.95.

TODO MUNDO Ligadinho

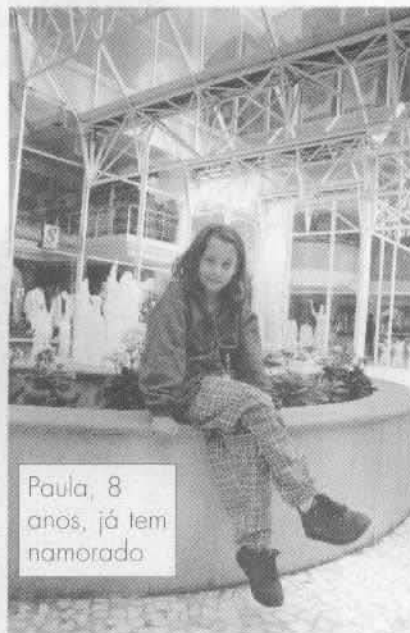
A IDADE DO NAMORO

As crianças começam a paquerar cada vez mais cedo. Paula Rodrigues de Oliveira, de 8 anos, já tem namorado. Ele se chama Diego e tem 7 anos. Eles estão namorando desde as férias de janeiro, e o Diego é o primeiro namorado dela. Paula conta que ele até largou a mamadeira para namorar, e diz que sua mãe "acha legal" que ela esteja namorando. Quase todas as amigas da Paula têm namorado, mas na escola (Júlia Wanderley) não pode namorar. "A diretora fica vigiando", conta Paula.

O caso de Paula é a prova de que as crianças se preocupam cada vez mais cedo com o namoro. Junho é o mês dos namorados, e o nosso *Todo Mundo Ligadinho* vai falar um pouco do namoro na infância. O que será que os pais e mães da Copel acham do namoro da Paula com o Diego, por exemplo?



Karina prefere esperar até os 16



Paula, 8 anos, já tem namorado

"Meu pai me mata! Pra ir em festa já é um sufoco!", conta Karina Zandoná, de 12 anos. Segundo Karina, seu pai acha que 16 anos é a melhor idade para começar a "namorar sério", e ela concorda. Karina ainda não tem namorado porque o menino de quem gosta não quer namorar com ela. No Colégio Decisivo, onde estuda, não pode namorar, mas muitas de suas amigas têm namorado.

Guilherme Bernardini Alves, de 12 anos, ainda não tem namorada. Ele está esperando que a carta que escreveu para a Vanessa, filha de uma amiga da mãe dele, seja respondida. A mãe do Guilherme não gostou muito da idéia de ver o filho namorando tão cedo, mas o pai apoiou. "Eu acho que para namorar não tem idade", diz Guilherme. Para ele, porém, "namoro sério" é só depois dos 12 ou 13 anos. Guilher-



Guilherme manda cartas de amor

me conta que alguns amigos dele já têm namorada, e que na sua escola, a Escola Adventista Floriano Peixoto, namorar pode dar suspensão. Mas garante que se conseguir namorar a Vanessa nem vai mais dar bola para as meninas da escola.

Para Rafael Alves dos Santos, é preciso gostar mesmo da outra pessoa para começar a namorar. Ele tem 12 anos e não tem namorada ainda, mas "ficou" com uma menina e está querendo namorar com ela. Rafael tem sorte, pois seu pai "não ligam" que ele namore e na escola onde estuda, o Colégio Estadual Pedro Macedo, só não pode namorar na sala de aula. ■



Rafael procura a pessoa certa

SE VOCÊ É LIGADO EM RPG, FALE COM A GENTE. ESTAMOS PREPARANDO UMA MATÉRIA SOBRE O SUPER JOGO PARA A PRÓXIMA EDIÇÃO.

IMAGEM



O autor da foto, tirada no pátio de um colégio de Apucarana, é João Batista Damas (SRL/CDAP/AAPA). Para publicar seu trabalho, basta enviá-lo para Copel Informações, Coordenação de Marketing e Comunicação Social, rua Coronel Dulcídio, 800, 7º andar, Curitiba. É importante que as fotografias tenham boa qualidade técnica para reprodução (foco e contraste). Terão preferência as fotos em sentido vertical.